

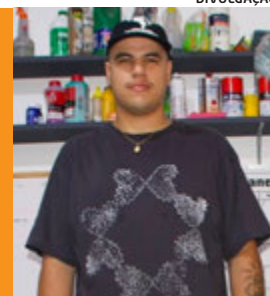
ARTIGO

Entre direita e esquerda, a
ideologia pode nos afastar
dos problemas reais » 2



CULTURA

Serigrafia fortalece a
arte independente e
abre espaço em Vitória » 4



Clima expõe fragilidade de municípios capixabas

Enquanto 55 cidades têm transparência e governança consideradas ótimas, mais
da metade dos municípios ainda está abaixo de bom em questões climáticas » 3

ARQUIVO/ESHOJE



DARTAGNAN DA SILVA ZANELA

Não é assim que a banda deveria tocar

Estou lendo, entre outras coisas, o livro “Os Tempos Ásperos”, de Jorge Amado. Um baita livro, para o meu gosto. Mas não é a respeito desta sua obra que pretendo falar, mas sim sobre uma declaração proferida pelo autor em uma entrevista, em que disse, de forma lacônica, feito pino de patrola, que ideologias, sem exceção, são todas um monte de fezes. Umas fedem mais, outras mais ainda, mas todas elas, juntas ou separadas, são o que são, e ponto final.

Ainda na mesma entrevista, Amado, de uma forma não tão amável, disse com todas as letras que é importante lembrarmos e, se possível for, jamais esquecermos que existem filhos de uma boa mãe de direita, da mesma forma que existem filhos do mesmo naipe de esquerda — e de centro também. Porque, se há uma coisa que é muito bem distribuída neste país, é a canalhice; e, se não somos capazes de perceber isso, imagino que está mais do que na hora de revermos alguns conceitos — e preconceitos — que carregamos em nossa algibeira mental.

Sobre esse ponto, meio fora de prumo, há algumas considerações que, há muito, foram fei-

tas por José Ortega y Gasset em um discurso que ele proferiu na Câmara dos Deputados do Chile (Obras Completas — tomo VIII). Lá, chama-nos a atenção para a sutil distinção que há entre aquilo que ele qualificou como sendo as ideias na política e as políticas de ideia.

A primeira dimensão refere-se à importância das ideias na vida política; ideias que podem ser, ao mesmo tempo, faróis que guiam as decisões humanas e âncoras para nos equilibrar diante das tempestades que vez por outra assolam a sociedade. Quanto à segunda, ele nos adverte para o perigo que ronda as sociedades quando, com base em uma ideia iluminadíssima,

se procura não apenas corrigir e reformar a sociedade, mas transformá-la de fio a pavio. Como, aliás, querem porque querem todas as ideologias que, por sua natureza, imaginam ser a salvação da lavoura.

Neste caso, o ser humano, enquanto pessoa que integra uma comunidade, com todas as suas virtudes e defeitos, desaparece; em seu lugar, os indivíduos passam a ser identificados com rótulos ideológicos que os desfiguram e, assim, os desumanizam, esgarçando as relações sociais e, deste modo, inviabilizando a tomada de decisões políticas e mutilando o bem comum. E isso, com o perdão da palavra, vale para todos nós, independentemen-

te do posicionamento político que tenhamos diante dos problemas e mazelas que se fazem presentes em nossa sociedade.

E tem outra. Quando enxergamos a vida apenas através destes filtros, além de não resolvermos problemas candentes em nossa sociedade, conseguimos a façanha de piorá-los de uma forma como nunca se viu antes na história do nosso país.

E, em meio a todo esse angustioso encaroço, um bom exemplo desse triste entreenço é o estado lamentável em que se encontra a educação como um todo. Qualquer um, com um mínimo de bom senso, reconhece o estado caótico a que chegamos; porém, na hora de enfrentar os fa-

tos, muitos os encaram — parcial ou totalmente — através de um filtro ideológico que os distorce, tornando a sua resolução uma quimera.

Pais, professores e burocratas; políticos, sociedade e grande mídia; intelectuais, comentaristas e palpiteiros: todos temos nossa cota de responsabilidade diante deste caos e, se não nos vemos como corresponsáveis no quadro, como parte do problema, dificilmente teremos, um dia, a autoridade necessária para caminhar rumo a uma solução. E, se insistirmos nesse passo ideologicamente marcado, continuaremos assim, feito cachorro que caiu da mudança — da mudança que jamais virá.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>
Impresso e digital diários

Contato:

**bianca@eshoje.com.br/
27 99744-6251**



Transparência avança, mas clima expõe cidades do ES

Enquanto 55 cidades são ótimas em transparência, 41 são ruins em adaptação climática

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

O Espírito Santo avançou em transparência e governança pública, mas ainda há uma distância significativa entre o desempenho administrativo e a preparação para os efeitos das mudanças climáticas. Enquanto 55 dos 78 municípios alcançaram nível “ótimo” na avaliação geral, mais da metade ficou abaixo da classificação “boa” no recorte de adaptação climática.

Os dados são do Ranking Capixaba de Transparência e Governança Pública 2026, elaborado pela Transparência Capixaba em parceria com o ES em Ação, com metodologia da Transparência Internacional – Brasil. O levantamento avalia os municípios nos módulos Geral, Saúde e Adaptação Climática.

No ranking geral, a média passou de 80,4 pontos, em 2025, para 86,9 neste ano. Das 78 cidades, 47 melhoraram suas notas, nove tiveram queda e 22 permaneceram estáveis. O número de municípios classificados como “ótimo” subiu de 44 para 55, enquanto os que estavam no nível “regular” caíram de 12 para quatro. Pelo segundo ano consecutivo, nenhuma cidade recebeu classificação “ruim”.

O cenário muda no módulo de adaptação climática, aplicado pela primeira vez no Estado. A média foi de 56,4 pontos, considerada “regular”. Somente 11 municípios receberam classificação “ótimo” e 26 ficaram em “bom”. Outros 41 — 52,6% das cidades capixabas — aparecem como regulares, ruins ou péssimos. Desses, 16 sequer alcançaram 40 pontos.

A avaliação considera a preparação dos municípios para mudanças climáticas e desastres ambientais, incluindo planos, políticas de resiliência, estruturas de governança e espaços de participação. O resultado indica, portanto, que o bom desempenho na transparência administrativa não necessariamente se repete quando o foco passa para a capacidade de organização e divulgação das ações relacionadas aos riscos climáticos.

70 PONTOS DE DIFERENÇA

O cruzamento dos resultados revela contrastes expressivos. Águia Branca aparece com 83,4 pontos e nível “ótimo” no ranking geral, mas ocupa a últi-



DIVULGAÇÃO

Menos da metade das cidades do Espírito Santo estão preparadas para enfrentar fenômenos climáticos

ma posição em adaptação climática, com 9,6 e avaliação “péssimo”. A diferença entre os dois indicadores chega a 73,8 pontos.

Colatina também está entre as 12 cidades com nota máxima no ranking geral e obteve 96,2 na saúde. Em clima, porém, aparece em 69º lugar, com 29,3 pontos e classificação “ruim”. A distância em relação à nota geral chega a 70,7 pontos.

Há diferenças relevantes também em Alfredo Chaves, com 83,2 no geral e 18,1 em clima; Linhares, com 99,2 contra 45,5; e Itapemirim, com 99,8

contra 46,3. Os três municípios são classificados como “ótimos” na avaliação geral, mas Alfredo Chaves aparece como “péssimo” na climática, enquanto Linhares e Itapemirim ficam na faixa “regular”.

Na outra ponta, Santa Teresa lidera a adaptação climática, com 93,5 pontos, seguida por Irupi (93,2), Cariacica (92,5), Viana (92) e Aracruz (91,9). Vila Velha, Cachoeiro de Itapemirim, Vargem Alta, Sooretama, Alegre e Serra completam o grupo de 11 cidades classificadas como “ótimo”.

Diferenças na saúde

A TRANSPARÊNCIA na saúde apresentou melhora entre 2025 e 2026. A média estadual subiu de 65,1 para 72 pontos e o número de municípios na faixa “ótimo” passou de 27 para 37. Ao todo, 56 cidades, ou 71,8%, alcançaram desempenho “ótimo” ou “bom”, contra 43 no ano anterior. Já os municípios classificados como regulares ou abaixo caíram de 35 para 22.

Afonso Cláudio, Serra, Vila Ve-

lha e Vitória lideram esse recorte com 100 pontos. Na outra ponta, oito municípios foram classificados como “ruim” e Governador Lindenberg é o único na faixa “péssimo”, com 11,9.

Entre as maiores evoluções está São Gabriel da Palha, que passou de 14,9 pontos em 2025 para 82,79 neste ano, saindo de “péssimo” para “ótimo”. Sooretama avançou de 25,8 para 90,28 e Atílio Vivácqua, de 34,4 para 90,54.

GRANDE VITÓRIA MUDA DE POSIÇÃO QUANDO O ASSUNTO É CLIMA

Os cinco municípios da Grande Vitória apresentam desempenho elevado nos rankings Geral e de Saúde, mas a ordem muda na adaptação climática. Vitória registra o maior contraste: tem nota máxima nos dois primeiros módulos, mas cai para 63,9 pontos no climático.

MUNICÍPIO	GERAL	SAÚDE	CLIMA
• CARIACICA	• 97,1	• 95,1	• 92,5
• VIANA	• 100	• 98,4	• 92,0
• VILA Velha	• 100	• 100	• 91,4
• SERRA	• 100	• 100	• 80,0
• VITÓRIA	• 100	• 100	• 63,9

Cariacica é a melhor colocada da Grande Vitória no ranking climático e ocupa o 3º lugar estadual. Viana aparece em 4º, Vila Velha em 6º e Serra em 11º. Vitória fica na 31ª posição, apesar das notas máximas nos outros dois módulos.

Ateliê em Goiabeiras abre oficina de serigrafia

Menos da metade das cidades do ES estão preparadas para enfrentar fenômenos climáticos

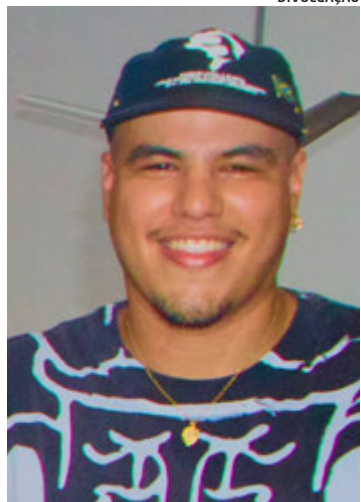
REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O ateliê independente Vira Lata Impressões abre inscrições para sua primeira oficina dedicada às técnicas de impressão serigráfica. A formação oferta duas turmas, limitadas a 10 participantes cada, agendadas para os dias 22 e 29 de agosto, ambos sábados, das 10h às 18h, no bairro Goiabeiras, em Vitória.

Idealizado por Henzo “H”, Lucas e Vinícius “Capo”, o espaço nasceu há dois anos a partir de uma experimentação autônoma entre amigos vindos do universo do grafite. Os primeiros trabalhos foram desenvolvidos de forma totalmente artesanal dentro de um quarto na casa de Vinícius, consolidando uma trajetória voltada à arte urbana e ao design independente na capital.

Com etapas que abordam os princípios fundamentais da serigrafia, aplicações no campo têxtil e artístico e processos de gravação da imagem, a oficina também propõe dinâmicas criativas para que cada aluno experimente a partir de suas próprias referências visuais. Os inscritos receberão certificado, itens produzidos durante as aulas práticas e uma camisa em algodão personalizada. O investimento é de R\$ 165, valor que inclui todos os materiais.

DIVULGAÇÃO



“O fazer artístico é resultado do processo criativo daquele que o executa”



DIVULGAÇÃO

Entre as técnicas ensinadas está a de secagem das tintas no tecido utilizando equipamento

Antes dessa formação autoral, o coletivo já havia ministrado a oficina “Artefatos Grevistas” no Museu de Arte do Espírito Santo (MAES). Na entrevista a seguir, a dupla fala sobre a trajetória do Vira Lata Impressões e os objetivos da nova oficina.

ES Hoje: O que fez vocês transformarem a experimentação com serigrafia em um ateliê aberto ao público?

Vinícius Capo: Para além de um caminho para manutenção e autonomia financeira do espaço, a abertura do ateliê ao público vem num momento em que nos sentimos preparados para compartilhar com a comunidade que nos apoia os aprendizados acumulados nestes dois anos. Além disso, acreditamos que espaços de troca de saberes e técnicas são essenciais na construção de uma cultura artística local, que se fortalece como uma rede, a partir da criação de vínculos entre artistas, entusiastas e o público em geral.

O que vocês consideram essencial passar para quem

está tendo o primeiro contato com a serigrafia?

Henzo Lucas: No quesito técnico, nosso intuito é compartilhar as etapas básicas da execução da serigrafia: criação do fotolito, confecção da tela, revelação da matriz e impressão, a partir de materiais e ferramen-

tas de fácil acesso, a fim de que cada participante possa replicar experimentos com a técnica por conta própria. Com relação à abordagem artística, propomos uma dinâmica de composição de fotolitos analógicos, a fim de demonstrar que não é necessário conhecimento pro-

fundo de uma técnica, ferramentas sofisticadas ou software para experimentar a criação gráfica. Portanto, consideramos essencial repassar aos participantes de primeira viagem como executar as etapas básicas deste processo até a impressão final da imagem, bem como desconstruir a ideia da arte como uma prática necessariamente complexa ou virtuosa, reforçando a ideia do fazer artístico como resultado de um processo criativo daquele que o executa

Como vocês veem o papel de oficinas como essa na construção da rede de artistas e no fomento da cultura gráfica capixaba?

Vinícius Capo: Encaramos a realização de oficinas independentes e espaços de compartilhamento destinados à troca de saberes, técnicas e aprofundamento de debates, iniciativas propulsoras da construção de uma rede de artistas e do fomento à cultura gráfica capixaba. Isso pois, diante da escassez e da precariedade de iniciativas e espaços públicos destinados a tornar acessível a produção artística e formação conceitual, os ateliês e centros culturais independentes ocupam o vazio deixado pelo Estado, propiciando a formação de vínculos e iniciativas coletivas entre artistas e o público, que, quando multiplicados, passam a construir ativamente uma rede de cooperação entre artistas, propiciando consequentemente o fortalecimento da cultura local, especialmente a cultura gráfica.

DIVULGAÇÃO



Henzo “H” Lucas e Vinícius “Capo” são fundadores do ateliê independente Vira Lata Impressões